

## QUARENTENA - a cestinha básica

Germano Almeida

Da sua varanda para a minha o Zé cumprimenta-me com um sonoro bom dia! Mas depois baixa a voz para me perguntar quase num sussurro se não há por aqui nenhuma “cestinha básica” para ele.

Somos vizinhos desde sempre, as nossas relações tiveram muitos altos e baixos, mas melhoraram consideravelmente desde que ele passou a beber só aos fins de semana, dedicando os restantes dias à exploração comercial da casa dos seus pais que transformou num estabelecimento de aluguer de quartos por dias ou por mês. Já lá vão alguns meses que está nessa atividade, aparentemente com proveito porque está com muito bom aspeto físico, limpo e asseado, e também deve andar a alimentar-se e a beber com moderação. Tem voz de trovão, tal qual aliás o pai já tinha, porém trata os seus hóspedes com estima, ouço-o rir com eles, contar piadas, ouvir música, enfim, estão familiarmente em casa. As únicas vezes que o ouço gritar é quando berra “Ou pagas já, ou rua!”

Desde a primeira vez que ouvi esse brado impiedoso que passei a tratá-lo por empresário. Antes disso passava o tempo a pedir-me coisas: Dr, estou sem água em casa, preciso encher uns garraões; dr, está a faltar-me um dinheirinho para completar o almoço... Cortei isso tudo: Hoje em dia és um empresário estabelecido na praça, no ramo modernamente chamado de hostel, tendo tu a vantagem de não pagar impostos, disse-lhe, eu, pelo contrário, sou um catador sem salário garantido, eu é que devia estar a pedir-te, não o contrário, assim não há mais nada para ti!

Isso já foi há uns tempos e, zangado e orgulhoso, deixou ostensivamente de me cumprimentar e nem água voltou a pedir. Porém, aproveitou agora o covid-19 e o estado de emergência com a cidade fechada para voltar à carga precisamente com a “cesta básica”, que é a expressão que mais se houve no presente tempo.

Na verdade, desde que a decisão foi lembrada e começou a entrar na vida e no vocabulário das ilhas que muito mais gente do que se supunha vem-se achando com direito a uma cesta básica. Sobretudo porque, logo nos primeiros e alarmantes dias da

pandemia, quando a imediata e urgente palavra d'ordem foi "lavar as mãos", com a televisão, em demorados e repetidos programas, mostrando as melhores e mais infalíveis técnicas de as manter asseadas, diligentes grupos de cidadãos do centro da cidade se juntaram para solidariamente recolher sabão variado e destinado a ser distribuído pelo povo dos bairros periféricos: sabonete, sabão de barra, sabão de potassa, sabão clarim, sabão de glicerina, enfim, qualquer tipo de sabão com capacidade para fazer espuma. Que os destinatários aceitaram e receberam alegremente, não só mostrando especial apetência pelos sabonetes com cheiro tipo palmolive ou nívea, como também lembraram que um dos principais dramas das casas de tambor dos bairros de lata é a falta d'água, e sem ela é de todo impossível lavar as mãos. E os nossos cidadãos, reconhecendo a justeza e a verdade dessa injunção, estavam ainda em busca de uma solução para resolver o problema da água, tipo, por exemplo, afretar camiões com tanques e mandar distribuir pela periferia, quando um repentino e exponencial acréscimo de covid-19 levou à declaração da segunda e mais premente palavra d'ordem, "ficar em casa", por sinal mais enérgica que a anterior "lavar as mãos", porque agora acompanhada da imposição constitucional e policial do "estado de emergência" solenemente declarado pelo presidente da República via televisão, ele de fato completo e gravata escura e sem sorriso, tudo a condizer com a gravidade da situação. E então a água foi, se não esquecida, pelo menos banalizada, sobretudo quando, a seguir à normal euforia de, após quase 45 anos de independência, termos finalmente ascendido à categoria de países com pergaminhos de exército nas ruas, se lembraram que, para grande parte do nosso povo, ficar em casa significava passar fome, a menos que fossem socorridos com urgência e sem delongas, porque a sua vida decorre na rua em busca de expedientes que acabam possibilitando que à noite possam levar a panela ao lume e alimentar os filhos, mesmo que seja apenas com chá e bolacha, o famoso "bife de caneca" que ao longo dos anos mais tem alimentado o nosso povo.

Mas de novo o centro da cidade não desmereceu. Num esforço solidário e conjunto, diversos grupos da Morada, alguns apoiados pela Câmara Municipal, outros por conta própria, voltaram a organizar a recolha de bens junto de empresas e pessoas, dando assim origem às famosas "cestas básicas", que acabaram sendo distribuídas com

alguma largueza. De tal modo que, quando há dias um jornal indiretamente atacado pelo covid-19 e em feroz luta pela sobrevivência, me convidou a colaborar com eles através de uma assinatura digital anual, não tive dúvida em dizer à Filomena, Vou oferecer uma “cesta básica” ao jornal tal. Ao jornal, estranhou? Sim, subscrevendo uma assinatura. E custa quanto? Disse-lhe. Bem, isso são pelo menos dez cestas.

De modo que o Zé também quer, mas ele contenta-se com uma cestinha. Tu não, Zé, digo-lhe peremptório, tu és um empresário de sucesso, tu devias estar a distribuir cestas para os mais precisados. Mas ele continua a falar baixo: os quartos estão todos alugados, diz, mas os meus inquilinos estão todos em casa, ficaram mesmo desempregados, ninguém tem dinheiro para pagar, assim como assim não lhes posso pôr na rua. Mas como, pergunto, e o apoio do Governo de que tanto se está a falar? Por enquanto só em palavras, diz ele, só conversa, estamos todos à espera. Bem, assim fica difícil não inventar uma cesta básica para o Zé!